

Grupo de Trabalho Nº 09

“O papel atual da mulher no processo de decisão na mobilidade residencial”

Autores

Guilherme Margarido Ortega
José Marcos Pinto da Cunha

Resumo:

Este estudo tem como objetivo analisar a importância da decisão feminina no domicílio sob a ótica da mobilidade residencial, levando em conta os diferenciais que interferem nas decisões em relação aos domicílios chefiados por homens e por mulheres, bem como na influência que as relações de gênero têm sobre o papel feminino na família.

Introdução

A importância do mercado de trabalho nos processos migratórios fez com que os estudos sobre a decisão de migrar se dessem essencialmente através do ponto de vista do homem, sendo que as mulheres, em geral, eram vistas sempre como acompanhantes, desempenhando um papel secundário no processo, não eram, portanto, objeto de estudo. A crescente participação das mulheres no mercado de trabalho, ainda que recebendo salários mais baixos que o dos homens, e mantendo a participação nos empregos domésticos, tem aumentado a importância das decisões femininas no domicílio bem como no aumento da chefia feminina. Ampliam-se, assim, o interesse por estudos sobre os processos de decisões familiares através dos novos arranjos e rearranjos domésticos.

Sendo assim o artigo tem como objetivo analisar a importância da decisão feminina no domicílio sob a ótica da mobilidade residencial. Para tanto, foram utilizados os dados coletados através de entrevistas qualitativas com mulheres, em diversas cidades da Região Metropolitana de Campinas (RMC). A escolha dos entrevistados foi feita a partir de uma seleção ao azar dos domicílios classificados segundo as condições materiais de vida de seus habitantes. As entrevistas qualitativas estavam voltadas a tentar reconstruir a trajetória individual e familiar do entrevistado, em termos de mobilidade espacial, mercado de trabalho e o ciclo de vida buscando apreender como cada uma destas trajetórias se entrecruzam e interferem sobre suas vidas.

No ano 2000 a cidade de Campinas chegou a quase um milhão de habitantes, com mais de cem áreas ocupadas irregularmente no município. Pode-se dizer que “A ocupação territorial” da Região Metropolitana de Campinas foi “a soma da expansão horizontal do município-sede com a das outras cidades, formando um ‘tecido’ urbano irregular” (CUNHA, JAKOB, JIMÉNEZ, TRAD, 2006). Hoje a RMC conta com 19 municípios, e cerca de 2,5 milhões de habitantes (Censo Demográfico 2010). A maior parte dos eixos de expansão da RMC se dá na direção das principais vias de acesso à região, como a Rodovia Dom Pedro I.

Referencial Teórico

Começaremos este artigo localizando o processo de mobilidade residencial estudado. Para Singer (1980) que examinava um processo migratório muito importante na história brasileira – a

migração rural-urbana – a concentração do capital e a concentração espacial das atividades possuiriam, no capitalismo, umnexo causal comum: as desigualdades regionais influenciariam e estimulariam as migrações internas, assim como os fatores de estagnação da economia, ou a não inovação dos meios de produção levariam à emigração. As políticas de desenvolvimento regional deram ênfase à infraestrutura e a serviços, estimulando empresas a fixar-se em determinada região, que influenciaram também no processo migratório. Esse foi o caso da região da cidade de Campinas, e por isso essa região se torna um ótimo campo para pesquisas relacionadas aos estudos urbanos e a mobilidade residencial, sem deixar de considerar, é claro, as suas especificidades regionais.

O papel da mulher nos processos migratórios sempre foi considerado secundário, vista no processo migratório apenas como uma acompanhante, essa visão torna-se não mais condizente com o ganho de importância da mulher no mercado, nas decisões familiares e nos novos arranjos e rearranjos familiares.

A visão do papel secundário das mulheres nos movimentos migratórios se altera na década de 1980 em função dos deslocamentos internacionais de mão-de-obra decorrentes dos processos de globalização, e a análise da seletividade migratória torna-se mais frequente a partir dos estudos das migrações internacionais (CHAVES, 2009, página 15).

Esse mesmo sistema econômico global em que vivemos que acaba, de certa forma, por produzir alguns processos migratórios, faz desenvolver em cada um formas de solidariedade social associadas às redes de socialização. Os riscos nos processos migratórios estão também, portanto, ligados ao sucesso individual, à oferta de trabalho e às redes sociais que o indivíduo constrói durante a vida. A importância dessas relações que se criam entre os indivíduos não está somente na extensão dessa rede, o desenvolvimento dos estudos de migração passaram, portanto a considerar não só as questões econômicas, mas as decisões individuais, e as possibilidades que se construíram através das redes por exemplo.

Segundo Granovetter as redes sociais têm uma importância direta na busca por emprego. A importância do que ele chama de “laços fracos”¹ ou relacionamentos indiretos como a participação em grupos ou associações, ligam o indivíduo a maiores informações relativas a emprego. Para o autor a busca por emprego é algo inerente ao contexto familiar e social, não pode ser visto somente do ponto de vista das características individuais. Nesse sentido o conceito de capital social é fundamental para compreendermos como essas relações sociais influenciam na empregabilidade do indivíduo.

Podemos entender portanto que as redes sociais funcionam como facilitadoras da migração. Para Kaztman (1999) o mercado de trabalho faz parte da estrutura de oportunidades que influenciará diretamente no nível de vulnerabilidade a qual o indivíduo estará sujeito; o Estado também é chave na redefinição e na distribuição de ativos sociais e de bem-estar – apesar de o conceito dar mais enfoque no indivíduo ao trabalhar com suas potencialidades. Outra fonte de ativos importante vem da própria comunidade, que se traduz na ajuda de familiares, amigos e associações de bairro. Nesse sentido os ativos têm grande importância na acumulação de capital social e na situação de vulnerabilidade do indivíduo. Ainda segundo o autor,

Por activos se entiende el conjunto de recursos materiales e inateriales que los individuos y los hogares movilizan en procura de mejorar su desempeño económico y social, o bien como recursos despegados para evitar el deterioro de sus condiciones de vida o disminuir su vulnerabilidad (KAZTMAN, página 22, 1999), sendo que estes têm uma influência definitiva nos movimentos migratórios, assim como o conceito de redes sociais.

¹ “The strength of weak ties”

Levando em conta os avanços dos estudos migratórios, novos elementos, como o das redes sociais que acabamos de ver, passaram a fazer parte das análises, considerando a necessidade de um aviso mais global do fenômeno, e não apenas sob a ótica da migração masculina. Os papéis de gênero, estabelecidos culturalmente e construídos socialmente, dentro da família são a principal mudança na decisão do projeto migratório, já que, ainda para Peres (2009), a família é quem reproduz os valores de gênero. As mulheres tornaram-se mais suscetíveis às transformações na família e no mercado de trabalho.

Segundo o artigo de Riley e Gordner (1993) em uma publicação da ONU sobre migração interna feminina nos países em desenvolvimento, em todas as sociedades o gênero é um fator determinante básico sobre as possibilidades do indivíduo, levando em conta inclusive a migração (RILEY & GORDNER, 1993). As discussões sobre gênero, portanto tem um papel fundamental na migração, pode determinar se a pessoa tem condições de migrar e se participará do processo de decisão. “If women and men have specific roles in the family and community, their decision-making power is likely to be tied to those roles” (RILEY & GORDNER, 1993, p.201). Sendo assim cabe estudar a importância do papel da mulher na família, e como ela, na maioria dos casos com menos autoridade que o homem, utiliza-se do poder que tem, já que, segundo o artigo, as mulheres têm muitas formas de influenciar as decisões da família, e completa dizendo que a decisão da mulher é maior se ela tem mais acesso a recursos como educação e redes, que os homens podem não ter.

Para Riley (2003) Gênero é mais do que um atributo individual, mais do que se uma pessoa é homem ou mulher. A definição de gênero é diferente em cada sociedade, já que ele é simbólico e estrutural, por isso a dificuldade da universalização do termo: “Meanings and interpretations of gender vary from society to society because they are rooted in and part of the larger social context” (RILEY, 2003, p. 107). Entende-se, portanto, que o gênero é uma construção social e cultural. Os estudos demográficos nesse sentido têm, segundo Riley (2003), negligenciado os estudos sobre gênero, resumindo-se a pensar a mulher no que diz respeito à fecundidade e a variáveis individuais básicas, como educação e trabalho. Ganham importância, assim, as pesquisas qualitativas, que interpretam, por exemplo, através do discurso dos entrevistados, a marca do poder e do gênero nas decisões familiares, é o que tentaremos reproduzir a seguir, sob a ótica das decisões familiares relacionadas a mobilidade residencial.

O poder dos homens na decisão de migrar

Iniciamos esse tópico com um exemplo claro de migração acompanhada, ou seja de mulheres de acompanham o marido em suas decisões. Foi pensando no futuro dos filhos que uma moradora do Bairro São Quirino em Campinas migrou com o marido. Ela nasceu e viveu boa parte da vida com ele e os filhos em uma fazenda nos anos 1960 e, embora motivada também pelas dificuldades estruturais do campo, ela mudou-se para a cidade principalmente visando à melhoria na qualidade da educação dos filhos. A mudança do Bairro Jardim Auxiliadora, seu primeiro destino na região, para o Bairro São Quirino, onde atualmente mora, também foi pensando no conforto dos filhos e da família, já que foi acarretada pelo aumento da família e a necessidade de mais cômodos para os filhos, nas palavras da própria entrevistada: “*Morávamos em uma casinha pequena de dois cômodos (...) as crianças foram crescendo (...)*” (nessa época a entrevistada tinha cinco filhos) “*(...) os cômodos eram pequenos (...), eu não queria, mas vendemos lá e compramos aqui (...) um vizinho fez a casa, era bom, até eu conhecer bem o bairro que era péssimo*” (referindo-se à violência do bairro). Ao dizer que não pretendia mudar de residência a entrevistada relata a insistência do marido que pretendia que a família tivesse mais conforto na residência.

Aqui observamos um exemplo típico da migração da mulher acompanhada, que não possuía voz na família para decisões de grande importância, ainda hoje essa senhora vive com o neto – filho de um filho falecido. A relação com esse neto parece ser muito interessante no sentido de que reproduz o que pudemos ver em outros domicílios, onde o filho ou mesmo neto trabalham e já ganham seu próprio dinheiro. Esse dinheiro é destinado a gastos pessoais do jovem, como festas, roupas, ou até mesmo o pagamento da conta de internet, sendo que os gastos principais da casa ficam a cargo dos chefes do domicílio, sejam eles homens ou mulheres, indicando talvez uma mudança na percepção dos papéis de gênero.

Outro exemplo de migração acompanhada que encontramos nas entrevistas refere-se à mobilidade entre bairros como forma de reduzir a distância ao local de trabalho. Esse é o caso de uma moradora do Bairro Jardim das Bandeiras, localizado às margens da Rodovia Santos Dumont, também em Campinas; ela nasceu em Minas Gerais e mudou-se aos 12 anos de idade para Campinas, também acompanhando a família, para o Bairro Jardim Santa Eudóxia, casou-se e mudou-se para o bairro em que vive hoje pela proximidade do emprego do marido que trabalha muito próximo a sua casa como operador de máquinas em uma fábrica de ração para animais. As redes sociais dessa moradora restringiam-se às relações com familiares, que, às vezes, cuidavam de seus filhos. Ela não mantém contato com os vizinhos e demonstrou certo desagrado com o bairro, constatamos durante a entrevista que isso ocorre, muito provavelmente pela distância em que mora da família, que se mudou para o Bairro Campo Belo, nesse caso a voz da mulher em casa deu lugar a necessidade do marido de morar próximo ao trabalho, diminuindo, inevitavelmente a qualidade de vida da mulher, e limitando, de certa forma o acesso dessa às redes de apoio que teria no bairro onde os amigos e a família vivem.

Encontramos esse desagrado em relação ao bairro também na fala da primeira entrevistada analisada nesse tópico do Bairro São Quirino em Campinas. Ela acredita que a mudança do Bairro Jardim Auxiliadora, apesar de ter-lhe proporcionado ganhos como a aquisição da casa própria maior que a anterior, lhe trouxe perdas emocionais. Ela culpa o bairro atual em que vive por ter encaminhado seu filho para as drogas e fizesse com que ele viesse a falecer: “(...) *eu me arrependi tanto (...). Meus outros filhos estavam maiores (...) e o que faleceu tinha quase dezessete anos, ele pegou o mau caminho e no fim foi aquele desastre*”. Neste caso e no caso anterior, ao menos outro elemento de interesse analítico emerge: aquilo que a literatura vem chamando de “efeito de vizinhança” ou “efeito de bairro” (FLORES, 2007) que atribui certos comportamentos não apenas as características sócio-demográficas das pessoas, mas também ao lugar onde estas vivem. Nesse caso ela culpou também o marido por ter decidido mudar de bairro. Hoje, essa moradora do Bairro São Quirino vive com o neto. Seus outros filhos trabalham no próprio bairro, mas diz ela que eles não mantêm muito contato com ela, sendo assim ela conta com a ajuda principalmente da igreja, outra formadora de redes sociais que frequentemente apareceram em nossas entrevistas, principalmente no caso de idosos com atenção às viúvas.

Na verdade, em termos da frequência a algum tipo de instituição, percebe-se que a grande maioria dos entrevistados frequenta algum templo, igreja ou centro espírita. Apesar de em alguns casos a ajuda desses lugares terem sido passadas como apenas uma ajuda espiritual, em muitos outros esses lugares tornaram-se centros não só de ajuda material, mas de fornecedor de informações bem como construtor de redes sociais².

Uma moradora do Bairro São Marcos em Campinas, um bairro às margens na Rodovia Dom Pedro I, muito próximo também a Rodovia Anhanguera, a grandes centros atacadistas, indústrias e regiões consolidadas como é o caso de Barão Geraldo, nasceu no bairro casou-se com um morador do bairro aos dezessete anos, pois estava grávida, e mora hoje no mesmo bairro, em um terreno oferecido

² O apoio dessas instituições é primordial no caso das viúvas e separadas, como veremos no último tópico.

pela mãe, com o marido e três filhos há quatro anos. Ela cuida da casa e trabalha meio período como auxiliar de administração. O marido, que tem curso superior trabalha em uma fábrica, recebe auxílio do programa Bolsa Família que teve acesso através de informações da escola em que os filhos estudam, localizada muito próxima a sua casa. Ou seja, a partir desse exemplo podemos perceber como uma situação empregatícia, residencial e familiar bem estruturada através de redes desestimula a migração, e como as mulheres, donas de casa, acabam por ter acesso a redes de apoio que os homens tem com mais dificuldade, como nas escolas, quando vão levar seus filhos.

Entretanto, esse exemplo não explica o porquê de indivíduos, como essa moradora, não buscarem uma melhor colocação no mercado, em outro município ou mesmo em outro bairro, além de não explicitar como indivíduos desempregados mantêm-se no mesmo bairro há muito tempo, não buscando oportunidades em outras regiões como o caso de alguns entrevistados. Nesse caso chamamos a atenção para as questões de gênero. O marido prefere que a mulher fique em casa e cuide dos filhos, mesmo que isso signifique perda de rendimento³.

Outro aspecto interessante captado nas entrevistas foi a migração acompanhada de parentes ou amigos, esse aspecto apareceu algumas vezes, e pudemos perceber que, geralmente, é acarretada pela busca de emprego, como é o caso do marido de outra moradora do Bairro São Quirino, que veio acompanhando um irmão, e logo proporcionou a vinda do resto da família. Esse parece ser um fenômeno comum a domicílios em que o chefe homem é o principal provedor financeiro da família, nesse caso ele toma as principais decisões de maior impacto, como a migração. Um caso interessante que encontramos nas entrevistas qualitativas é o de uma moradora do Bairro São Marcos em Campinas, que veio acompanhando o marido: eles moravam em Valparaíso, interior do estado de São Paulo, e estavam desempregados quando decidiram migrar. O marido conseguiu um emprego como pedreiro em Campinas graças a conhecidos que ele tinha na RMC que o indicaram para esse e para empregos posteriores: *“ele veio primeiro e construiu uma casinha (...) tinha bastante gente de Valparaíso aqui (...) amigos que diziam que aqui era muito bom para arrumar emprego, ai ele veio trabalhar aqui de pedreiro (...) os amigos ajudaram a arrumar o emprego”*⁴. De fato, essa questão fica muito explícita nos depoimentos de outra moradora do Bairro São Quirino em Campinas. Ela veio de Garanhuns (Pernambuco) aos 24 anos de idade com três filhos, após o marido e um cunhado virem primeiro e se estabelecerem em Campinas, sendo que permaneceu por um período na casa do cunhado até que soube da ocupação do bairro em que mora atualmente. Nesse momento o marido decidiu, num primeiro instante, mudar-se sozinho ao bairro, já que, por se tratar de uma ocupação, ele considerava perigoso para ela e para os filhos. Durante esse tempo a entrevistada ficou na casa de uma irmã na cidade de São Paulo, e voltou após considerar que o marido já estava bem instalado: *“quando cheguei aqui estranhei porque eu nunca tinha morado em barraco antes (...) não tinha água, tinha que pegar emprestado com um vizinho até regularizar tudo”*.

Essa entrevistada é um exemplo interessante de como as forças de poder podem mudar dentro do domicílio quando o marido perde o emprego por exemplo. Neste caso, a entrevistada, passou a trabalhar como faxineira em um motel perto de onde mora, chegando ao cargo de gerente com o tempo, essa promoção propiciou que o marido pudesse abrir uma pequena loja de concertos de máquinas de lavar. A condição dessa mulher, que antes era uma migrante acompanhante, passou de dona de casa para chefe, determinando os gastos que a família teria, principalmente com a ampliação da casa em que mora. Esse poder das mulheres nas decisões é assunto para o próximo tópico.

³ Considerando também, é claro os gastos que a família teria com uma creche em período integral, levando em conta a dificuldade de uma vaga no sistema público

⁴ Aqui observamos também o papel das redes sociais gerando capital social, no que diz respeito ao emprego bem como no suporte na hora da chegada à região, como veremos no próximo item.

O poder das mulheres na decisão de migrar

Um exemplo claro do que queremos demonstrar da importância da mulher no domicílio pode ser ilustrado pelo depoimento de uma moradora do bairro Eldorado dos Carajás, próximo à região do Aeroporto de Viracopos em Campinas. A moradora tem 36 anos e seis filhos (sendo três legítimos e outros três adotados da cunhada que teve problemas com bebida e teve a guarda dos filhos tirada pela justiça). Essa moradora veio da cidade de Campo Mourão (Paraná) aos dois anos de idade, acompanhando a família. Casou-se e ficou durante um tempo morando com a mãe no Bairro Profilurb também em Campinas. Ela soube da ocupação do bairro em que vive atualmente através dos vizinhos e decidiu, junto com o marido, mudar-se para o bairro na esperança de adquirir a casa própria: *“Os vizinhos que tinham parentes que moravam no Dic VI⁵(...) foram avisando da invasão”*. Cabe observar que na época em que eles mudaram, ambos trabalhavam e contribuíam para a renda da família, sendo assim chamamos a atenção para a maior possibilidade de barganha dessa mulher no domicílio junto ao marido, já que também contribuía para as despesas da casa, sendo assim, a decisão em migrar com o marido foi conjunta.

Outro exemplo interessante de apoio que encontramos em algumas entrevistas realizadas no Bairro Eldorado dos Carajás é a atuação, principalmente no início da ocupação, da associação de moradores. Uma moradora entrevistada acredita que a associação de moradores do bairro foi fundamental para a sua consolidação: *“Hoje já é regularizado, a escritura ainda não saiu, mas está quitado, a maioria aqui já está tudo quitado (...). Foi através da invasão, que nós negociamos e fomos pagando por mês e que graças a Deus está quitado, é que estamos aqui”* (referindo-se a casa própria) *“Nós chegamos bem no começo, e a associação chegou a pegar muito dinheiro de nós (...) eles roubavam, mas trabalhavam bem (...)”*.

Esse relato é muito parecido com o de outra moradora que disse ter sido a associação de moradores do bairro fundamental para a sua consolidação, e também pagou o valor do terreno parcelado para esta mesma associação. Esta, inclusive, foi responsável pelo oferecimento de cursos de artesanato frequentado por ela e que hoje ajuda para a renda e auxilia nas despesas na casa. A venda desse artesanato se dá fundamentalmente no consultório psiquiátrico onde trabalha como faxineira. Aliás, essa atividade profissional propiciou ganhos em relações aos ativos provenientes dessa rede social, como por exemplo, atendimento médico a um filho portador de uma doença de visão crônica. Mesmo considerando o fato de que sua rua não possui asfalto, situar-se em um bairro com pouca infraestrutura e equipamentos públicos – mais vulnerável do que aquela onde vivia com a mãe – levando à necessidade dos filhos frequentarem a escola em outro bairro, nossa entrevistada ainda acredita que a sua vida melhorou.

Encontramos diversas vezes nos discursos das mulheres esse papel importante das associações de moradores no estabelecimento da família no local, muito menos frequente no discurso dos homens. Cabe chamar a atenção aqui para o relato de uma moradora que diz ter frequentado as reuniões da associação porque o marido trabalhava o dia todo e quando chegava em casa estava muito cansado para participar, determinando assim a construção de uma rede de socialização para essa moradora, rede que possivelmente não será facilmente acessada pelo marido.

É interessante observarmos que após a consolidação e regularização do bairro uma moradora do bairro São Quirino em Campinas considerou que a associação não lhe era mais útil, e, depois disso, nas palavras dela, *“agora eu dependo de mim mesma, é cada um por si”*. Os contatos ali estabelecidos, entretanto, lhe rendem frutos até hoje. A boa localização do bairro lhe propiciou muitos ganhos, como

⁵ Bairro próximo à ocupação.

emprego, escola para os filhos e fácil locomoção para o centro, bem como acesso a serviços de saúde e educação melhores inclusive transporte público.

Entretanto, a casa própria é o principal motivo de migração dos entrevistados, homens e mulheres. Os gastos com aluguel, por exemplo, pode significar, inclusive, a mudança para um bairro em uma zona mais vulnerável, às vezes em situação estrutural muito pior do que o local de moradia anterior. É o caso de uma moradora do Bairro Vista Alegre em Campinas: ela mudou-se pelo menos três vezes dentro da RMC, sendo que essas mudanças deram-se em decorrência de não conseguir mais arcar com o pagamento de aluguel, o que implicou na necessidade de comprar um imóvel em um lugar mais vulnerável, porém mais barato. Essas mudanças acarretaram não só uma piora das condições estruturais em que vivia essa moradora, mas também na perda de capital afetivo, já que deixou amizades para trás, para mudar-se para um bairro que era, de certa forma, desagradável a ela. Sendo assim, considera que o bairro ideal seria um bairro próximo ao centro, porém, não tem condições de pagar aluguel em um bairro central, conseqüentemente mais caro, e prefere manter-se em sua casa própria, esse exemplo é mais um caso das redes que não funcionam de forma favorável ao migrante.

Uma outra entrevistada tratada na sessão anterior mudou-se da casa vazia do irmão em Hortolândia para o bairro em que vive hoje em Campinas porque uma sobrinha sua havia participado da ocupação da área e a alertou da venda de um terreno ao lado de sua casa. Nesse caso a mudança se deu pela possibilidade da aquisição da casa própria, eles decidiram mudar *“Porque a gente sabia que ia mudar pra o que era da gente”*. Esse é um típico exemplo de como as redes sociais funcionam estimulando ou amortecendo o impacto da mobilidade. Nesse caso a migrante já estava casada e tomou a decisão conjuntamente com o marido, ambos desempregados.

No caso de outra moradora de Hortolândia a sua mudança para a RMC foi ocasionada pela morte do marido. Ela mudou-se para Campinas com quatro filhos, e foi viver com a mãe e a irmã que já moravam há um tempo na região. Esse apoio na chegada foi fundamental para que essa arrumasse um emprego como doméstica e se constituísse na cidade. Com o tempo ela construiu um barraco em um terreno da prefeitura de Hortolândia quando foi removida para outro bairro onde, com a ajuda do município, pode comprar material de construção mais barato, e com a ajuda dos vizinhos pode construir a sua casa.

Sendo assim, o impacto da mobilidade pode ser maior para as mulheres quando migram sozinhas, levando em conta as pressões sociais vividas por estas, como podemos observar no discurso de uma moradora de Campinas, que se mudou logo após a separação: *“Eu fui porque fiquei meio desorientada, então a gente procura um lugar novo pra poder abrir mais a vida”*. Nesse caso a irmã que já vivia na cidade foi quem proporcionou a sua vinda para a RMC, onde se casou novamente. Ela ainda diz sobre as redes: *“tem a família da gente que temos que ajudar na piora, pra arrumar um emprego (...) pedir pra um, pedir pra outro”*.

Há que se levar em consideração, portanto que a seletividade da migração feminina se difere da masculina em partes pela diferenciação de gênero e da definição dos papéis de cada um na sociedade, sendo assim as redes sociais, e os ativos adquiridos por elas podem de certa forma amortizar o impacto na chegada a um novo lugar. A mesma entrevistada ainda comenta sobre a dificuldade que é arrumar um emprego na sua idade: *“Quando a gente é novo tudo é mais fácil”*. Trataremos a seguir especificamente as mulheres viúvas e separadas, em sua maioria mulheres mais velhas.

A decisão de migrar de mulheres separadas e viúvas

Como exemplo nas entrevistas, temos o caso de uma moradora de um bairro da cidade de Campinas de 56 anos. Ela casou-se com 16 anos, teve três filhos, durante uma série de mudanças em bairros de diferentes áreas de Campinas. O marido separou-se dela e segundo a entrevistada, enquanto

ela viajava o marido vendeu tudo o que tinha por causa de uma amante, a qual ela atribui a aparição devido à saída dos filhos de casa, diz ela: *“A casa ficou maior, meus filhos foram casando e meu marido foi cansando, foi saindo (...)”*. As mudanças dessa entrevistada deram-se devido ao crescimento da família e a necessidade de uma casa cada vez maior – o que acabou por piorar a situação residencial da família, já que uma casa maior implicava na mudança para um bairro mais precário – e nos desmembramentos familiares. Depois da separação ela foi morar com a filha, e apesar de já ter trabalhado em outras ocasiões enquanto ainda estava casada, se viu obrigada a procurar um emprego, e o encontrou em casas de família. Hoje ela trabalha como diarista em residências do próprio bairro em que vive.

A Outro exemplo é de uma moradora de Hortolândia que mudou de Campinas viúva e teve que trabalhar muito tempo como servente de pedreiro, diz ela: *“Você tem quatro filhos pra criar (...) você não tem quem ajude, a gente se obriga a fazer qualquer coisa”*. Hoje mesmo com a pensão deixada pelo marido a sua idade avançada não permite que encontre mais um emprego formal, por isso ela trabalha como catadora de papel no bairro em que vive.

A maioria das entrevistadas em nossa pesquisa qualitativa que migraram, são pessoas com mais idade, sendo assim entendemos que o ciclo vital dessas migrantes proporciona experiências e oportunidades maiores que as mulheres que estão no começo de seu ciclo, que acabaram de se casar. Um grande número de mulheres em idade mais avançada migra em países em desenvolvimento, principalmente no caso das viúvas (HUGO, 1993). A Separação ou a viuvez são *turnning points* fundamentais na vida dessas mulheres e desencadeiam os processos de mobilidade. Como é o caso de uma moradora de outro bairro na cidade de Campinas, de 51 anos. Ela nasceu em Adamantina, fora da RMC, e mudou-se para Jundiaí com a mãe após a morte do pai – ainda fora da RMC, mas muito próximo à região –, conheceu o marido, casou-se e voltou para Adamantina onde engravidou. A sua primeira gravidez foi considerada de risco então resolveu voltar a Jundiaí. Lá com cinco filhos e grávida de mais um, separou-se do marido. Sobre o episódio ela diz: *“(...) eu não tinha para onde ir porque o meu marido trouxe a amante para morar dentro de casa (...) ele queria que eu ficasse com a amante e ele ali (...) minha mãe não aceitou, eu também não aceitei, mesmo grávida. Ai ele falou: ‘os meninos que você puder levar, você leva, os que não puder eu cuido’ (...) os pequenos a minha mãe falou que a gente dava um jeito, os maiores o meu padrasto não aceitaria nunca (...) o maior tinha 8 anos (...) tudo homem (...) são todos coladinhos (...) depois de um tempo eu trouxe todos comigo”*.

Esse último depoimento deixa claro alguns aspectos da relação de gênero. O primeiro, da imposição do marido em querer que a esposa e a amante residissem no mesmo domicílio, considerado absurdo pela entrevistada, o que nos leva a outro aspecto, que é a decisão da mulher em não aceitar a situação e decidir se separar, nesse sentido o apoio da família foi fundamental para essa decisão. A entrada dessa entrevistada na RMC se deu porque o irmão tinha uma casa vazia em Hortolândia, e ela decidiu mudar com os filhos e o novo marido. Sobre a decisão de mudar ela diz: *“Quem mais falou fui eu, porque eu pensava assim: a gente mudando pra lá a gente vai começar uma nova vida (...) meu filho tinha uma doença rara e para tratar dela eu precisava levá-lo na UNICAMP⁶”*. Entendemos aqui que o fato de ela ter se separado uma vez, e ter de certa forma entendido a importância que tem nas decisões da família, determinou um comportamento mais decisivo no novo casamento, junto ao novo marido.

Conclusões

⁶ Trata-se da Universidade Estadual de Campinas que possui um Hospital Universitário de referencia na RMC

Concluimos, primeiramente, que a migração das mulheres de forma a acompanhar os homens são eventos, principalmente, relacionados as mulheres mais velhas entrevistadas, e às que não trabalham, ou não contribuem para a renda familiar, seja por vontade própria, para cuidar dos filhos por exemplo, seja por imposição do marido, que procura manter o poder que a sociedade o transmite como provedor e chefe da família. Nesse sentido essas mulheres perdem, muitas vezes, o acesso a redes de apoio, sejam elas através do trabalho, ou de amigos e familiares que deixam para trás ao migrar. Essas mulheres tem menos poder no decisório no domicílio.

Nesse sentido, fica muito claro em muitas entrevistas a importância que tem o mercado de trabalho na emancipação feminina, no ganho de poder de decisão desta em relação ao marido. O compartilhamento das despesas da casa proporciona uma maior equidade de homens e mulheres, diminuindo as tensões originadas das imposições sociais de gênero.

A importância dos movimentos das mulheres na mobilidade residencial já não é novidade nos estudos mais recentes, o que nos chama atenção nesse artigo é a reviravolta, a forma como a viuvez ou a separação tornam-se *turning points* no ciclo de vida dessas mulheres definindo o futuro de suas vidas através da mobilidade. Para isso as redes sociais constituídas por amigos, conhecidos, mais principalmente por familiares funcionam de forma importante para proporcionar o movimento, e para reduzir o impacto de uma mudança residencial oriunda de uma mudança no estado civil.

Referências

CUNHA, J.M.P., JAKOB, A.A.C., JIMÉNEZ, M.A., TRAD, I.L. (2006). **Expansão metropolitana, mobilidade espacial e segregação nos anos 90: o caso da RM de campinas**. In: CUNHA, J.M.P.. (org). **Novas metrópoles paulistas: população, vulnerabilidade e segregação**. Campinas: NEPO/UNICAMP.

GUIMARÃES, Nadya Araujo (2009). **À procura de trabalho: instituições do Mercado de Redes**. Belo Horizonte : Coleção Trabalho e Desigualdade, Aryvmentvm Editora.

GRANOVETTER, Mark S.. **The strength of weak ties**. American Journal of Sociology, Volume. 78, Issue 6: May 1973. Disponível em: <http://www.jstor.org/journal/ucpress.html>

HUGO, Graeme J. (1993). **Migrant women in developing countries**. In: **Internal migration of women in developing countries**. New York: United Nations.

JOLLY, Susie, REEVES, Hazel (2005). **Gender and migration: overview report**. Institute of development studies.

KAZTMAN, R. et al. (1999). **Vulnerabilidad, activos y exclusión social en Argentina y Uruguay**. Santiago do Chile: OIT (Documento de Trabajo, 107).

PERES, Roberta. **Diferenciais por sexo no retorno migratório: o fluxo Criciúma-Estados Unidos-Criciúma**. Campinas: Dissertação IFCH/UNICAMP, 2006.

PERES, Roberta. **Mulheres na fronteira: a migração de bolivianos para Corumbá – MS**. Campinas: Tese IFCH/UNICAMP, 2009.

PERES, Roberta, BERNINGER, Rosana. **Migração feminina: um debate teórico metodológico no âmbito dos estudos de gênero**. Águas de Lindóia: XVIII Encontro Nacional de Estudos Populacionais (ABEP), 2012. **ANAIS...** Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/xviii/anais/site/anais.php?id=45#.UdG13ju1GSo>

RILYE, Nancy E.. **Feminist Demography**. In: RILYE, Nancy E., McCARTHY, James. **Demography in the age of the postmodern**. Cambridge: Cambridge University Press, p. 99-119, 2003.

RILYE, Nancy E., GORDNER, Robert W.. **Migration decisions: the role of gender**. In: **Internal migration of women in developing countries**. New York: United Nations, 195-206, 1993.

SINGER, Paul (1980). **Migrações internas: considerações teóricas sobre o seu estudo**. In: MOURA, H. (Org.). **Migração interna: textos selecionados**. Fortaleza: Banco de Nordeste do Brasil S. A..